

MOTIVAÇÃO E MÉTODO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS, PARTICULARMENTE DO ALEMÃO, NO BRASIL

CARL HEUPEL

1) A linguagem em face da antropologia moderna

Enquanto para muitos linguistas modernos (Martinet e outros) cabe à linguagem sobretudo uma função comunicativa, para alguns antropólogos (p. ex. Kluckhohn) a linguagem é essencialmente um instrumento de ação. Considerando a relação intencional da comunicação com a ação, como o documenta o livro de Hayakawa "Language in thought and action", os dois pontos de vista, no nosso parecer, não apresentam uma diferença essencial. Estamos de acôrdo com o antropólogo citado em que o significado de uma palavra não é seu equivalente dicionariado, e sim a diferença que a pronúncia dela produz numa determinada situação. Concordamos também que todo idioma é algo mais que um veículo para a troca de idéias e informações e mais ainda que um instrumento de autoexpressão; é também um modo especial de encarar o mundo e interpretar a própria experiência (Humboldt).

Certamente um problema essencial até hoje não está resolvido: o problema semântico. Por interessante que seja, o assunto dêste artigo só permite abordar de leve o problema, tratando a semântica geral, como a concebia um grande representante desta disciplina, Korzibsky. Segundo êle, a lógica aristotélica (ocidental) funda-se principalmente na análise das coerências das estruturas de nossas línguas clássicas. A formação sujeito-predicado, que é a categorização específica de nosso pensamento tradicional, implica relações fixas entre substâncias e suas qualidades, fato que não nos permite uma penetração objetiva no mundo real. Se houvesse uma relação exata entre palavras e coisas, a tradução seria apenas um problema técnico. Mas as palavras exprimem também as relações entre as coisas e os aspectos, às vezes, muito subjetivos, destas relações, de maneira que cada sistema linguístico dirige nossas observações. Esta ocorrência é um dos argumentos que mostram a necessidade do estudo da própria natureza da linguagem através da penetração nas categorias básicas do pensamento de vários povos.

Segundo Sapir, a aprendizagem de línguas estrangeiras não é somente o desenvolvimento de um sistema fonético, mas também a associação específica da fala com conceitos e a expressão formal de todos os modos de relações. Resumindo as opiniões das autoridades da linguística moderna, cabe à língua uma função complexa que é, ao mesmo tempo, expressiva, formativa, comunicativa, informativa, atuante.

2) Comunicação e informação no tempo presente

Na função da comunicação funda-se também a nova disciplina da cibernética, sobre a qual apresentou Wiener, em 1948, a sua obra fundamental. Na sua segunda obra "The human use of human beings", 1949, figuram as seguintes frases prometedoras: a língua é a criação que mais distingue o Homem. A comunicação elétrica permite construir uma língua geralmente aplicável. As modernas possibilidades das transmissões de notícias devem provocar a formação de um Estado mundial. A transmissão de idéias é mais importante que o transporte de material.

Estas são idéias que dão o que pensar. Em todo o caso deve-se observar que esta nova ciência, como se previu, mudou decisivamente o modo de viver do Homem. Resta esperar, em que grau ela também **influenciará** o pensamento humano e **atuará** sobre o mosaico variado das formas linguísticas humanas, unificando-o. Atualmente cabe-nos ainda a tarefa de compreensão mútua através dos diversos meios.

Por comunicação entendo o intercâmbio bilateral, por meio de palavras de um indivíduo com seu meio, por informação, ao contrário, a recepção unilateral de conteúdos linguísticos que o indivíduo recebe de seu meio. Quem quiser ter uma idéia mais exata da influência sobre nosso pensamento e ações, da necessidade de sua interpretação correta, da distinção entre informação e propaganda, deve ler o interessante livro de Stuart Chase "Words of Power", 1953. Por convincentes que sejam os motivos da comunicação e informação no mundo moderno, que se torna mais e mais pequeno, todavia o motivo da formação intelectual não deve ser negligenciado. Ainda que o motivo dela não seja tão evidente como o das anteriores, experiências feitas durante muitos séculos mostram a necessidade da linguagem para o conhecimento de si próprio e a plena realização do indivíduo, como mostram a interdependência genética da linguagem e do pensamento humano. Os motivos da aprendizagem de línguas estrangeiras, que nos séculos passados ocorriam quase só no campo da formação intelectual e. com o surgir das línguas modernas aos poucos se tornaram equivalentes, na nossa época separaram-se distintamente.

Assim o inglês, de cujo valor literário ninguém duvidará, é estudado por uma grande parte, de estudantes quase só como meio de

comunicação ou, devido à extensa literatura acerca do mundo atual, só como língua informativa, de maneira que para muitos homens o nome de Shakespeare ficará sempre apenas um nome. O que para nossos avós era ainda uma verdade evidente, que o estudo de uma língua implicava também o estudo de sua literatura, hoje em dia nem de longe é mais uma evidência. Esta mudança da tônica da motivação devia necessariamente provocar uma mudança do método. Reconhecia-se que uma língua, que se estuda para poder conversar, exige outro tratamento que não o de uma língua estudada com o objetivo da informação. Esta revolução decisiva é a consequência de uma experiência essencial da linguística moderna, segundo a qual toda língua é por natureza língua falada não escrita, o que constituiu a fonética como parte integrante de toda ocupação com línguas estrangeiras.

3) O valor formativo das línguas clássicas

O grego clássico dos Neo-humanistas certamente não tinha valor comunicativo, ao contrário do latim da Idade Média. Era apenas uma língua cultural e, como tal, a chave da fonte principal do espírito ocidental. Goethe aprendeu o grego através de Homero e com a finalidade específica de estudar Homero. A mesma tendência tem hoje o latim dos ginásios alemães (9 anos de latim no curso clássico, 6 anos no curso de cultura moderna). Enquanto os alunos, há meio século exercitavam assiduamente o estilo de Cícero, o objetivo atual do ensino é quase só a interpretação dos clássicos (sem ajuda da tradução). Mas a aprendizagem puramente passiva provoca o perigo de um domínio superficial, de maneira que a leitura se torna mais e mais difícil. Por experiência própria sei que o conhecimento desta língua no Brasil é tão escasso, que os estudantes que entram numa faculdade, não conseguem traduzir um capítulo de César nem com uso do dicionário. Por isso coloca-se com toda razão o problema: melhor seria empregar o precioso tempo das aulas para a aprendizagem de outra língua ou outra matéria.

Com certeza, a estrutura do latim está muito afastada da do português e só uma língua sintética moderna (alemão, russo) possui ainda uma estrutura semelhante à do latim. Algumas das causas do fracasso do latim neste país podem ser: O desinteresse pela antiguidade européia. De fato, a leitura da Guerra da Gália tem poucas possibilidades de despertar interesse na América Latina (não seria mais exato dizer América Ibérica?). Infelizmente as façanhas de Colombo e Cabral não se concentraram numa epopéia como as de Vergílio ou de Camões. Por causas históricas (o valor artístico só não é suficiente para inserir uma obra no patrimônio cultural de um povo) a Eneida não pode substituir a descoberta da América. E a descrição magistral da decadência do Império romano por Tácito não poderia substituir a descrição da queda dos impérios indígenas da América, se os Incas

e Astecas tivessem tido um meio para fixar a lembrança de sua cultura temporal. Dalí brotaria uma fonte de um Humanismo Americano, que até hoje a fundava quase totalmente na herança européia.

Outra causa do fracasso do latim nesta terra pode ser a falta de sensibilidade para línguas mais afastadas da própria língua materna, (línguas antigas ou orientais) cujo estudo não tem só um motivo cultural-histórico (por isto o grego seria muito mais apropriado, devido ao seu valor original como a verdadeira mãe de nossa cultura ocidental, fato que levava em conta o Neo-humanismo alemão desde Humboldt).

A dificuldade das estruturas destas línguas apresenta outro motivo importantíssimo, pois o trabalho intensivo com uma língua de difícil acesso cria uma capacidade enorme de aprendizagem de outras línguas difíceis. Para os americanos, que aprovam este último critério pedagógico, mas que não dão importância à aquisição de conhecimentos das raízes (ao menos de uma parte importante da própria cultura) restam-lhes línguas que, além de consideráveis dificuldades estruturais, são línguas modernas muito usadas no campo da cultura e ciência atuais. Somente, muitos ocidentais que tem objetivos puramente pragmáticos, na maioria dos casos, não tem esta vontade firme nem este idealismo forte (condição moral), que é a condição prévia da aprendizagem de línguas como alemão, russo, árabe, hindu, chinês, japonês. Apesar de todo o progresso e toda a facilidade que dá a técnica moderna, a perseverança na aprendizagem de línguas e matérias difíceis será no futuro a condição para uma vida de maior compreensão internacional.

4) As primeiras línguas verdadeiramente mundiais

Permita-nos o leitor uma olhada sobre a língua francesa. Talvez nenhuma outra tem incitado tanto à leitura de sua literatura como ao uso prático, devido a um estilo de conversação formado durante muitos séculos, que fez dela não só uma língua de corte e de salões literários, como também o instrumento ideal da diplomacia européia. Considerando o seu papel atual, devemos constatar que é passado o seu apogeu e que a alta conversação foi substituída por formas mais sóbrias de comunicação. Porém é ainda uma língua literária rica (sem os cumes mais elevados da literatura universal) como prova o grande número dos franceses portadores do prêmio Nobel.

Entretanto a língua inglesa começou o seu triunfo; primeiro como meio de comunicação comercial, depois política e, atualmente, técnica e científica. Por isso o estudo desta língua, sobretudo com o objetivo da comunicação e da informação é plenamente justificado. Uma olhada rápida sobre esta língua revela uma situação muito diferente da do alemão. Fala-se o inglês ainda em todos os continentes como língua materna. E vai-se tornando na maioria dos países a principal língua

estrangeira. Aliás, o fato de existir finalmente uma língua estrangeira dominante, significa, com certeza, um progresso definitivo no campo da política linguística do mundo (um argumento contra tãda ideologia esperantista). É verdade que esta situação implica uma certa vantagem para as línguas germânicas, cujo vocabulário tem com o inglês uma terça parte em comum, como também para as línguas românicas, particularmente o francês, que forneceu outra terça parte do vocabulário inglês da língua escrita.

Para avaliar bem êste fato, o leitor deve imaginar o que seria o predomínio de uma língua oriental. Já o caso do russo, que pela estrutura gramatical e pelo vocabulário pertence ainda ao mundo linguístico ocidental, mudaria muito a situação da comunicação dos povos germânicos e românicos. Sendo o inglês uma língua tipicamente mista, cumpre todos os requisitos como instrumento de comunicação mútua dos povos ocidentais e, pela sua difusão universal, como instrumento de comunicação de todos os povos. Admitindo-se que a maioria dos conteúdos linguísticos intercambiados no mundo moderno são de natureza política, econômica e técnica, o seu predomínio não prejudica os valores culturais dos povos não-anglo-saxões. Porém devemos ficar convencidos de que o intercâmbio cultural e humano quase não pode renunciar à aprendizagem de línguas específicas. Assim o papel de uma língua universal preponderante — talvez para sempre — ficará subordinado ao processo de uma convivência fundada no entendimento entre os homens.

5) Situação do alemão no mundo moderno

Conforme a publicação da UNESCO "Scientific and Technical Translation" 1954, o alemão ocupava (talvez ainda hoje ocupe) o segundo lugar na produção de livros científicos. A situação é idêntica no que se refere ao seu uso nos periódicos técnicos-científicos (BABEL 2/1964: Inglês 43%, Alemão 14%, Francês 12%, Russo 8%, Espanhol 5%, Português 1%). É curioso que êle se tornou tanto uma língua das ciências técnicas como da filosofia moderna. Neste campo podem se apresentar desde o século passado alguns mestres de renome universal (Kant, Hegel, Schopenhauer, Nietzsche, Husserl, Dilthey, Scheler, Weber, Heidegger, Jaspers). Além disso, nesta língua foi escrito um certo número de obras literárias que fizeram atribuir aos alemães no século XIX o predomínio certamente exagerado de o povo dos poetas e pensadores. Esta fama tem a sua origem provavelmente no livro famoso de Madame de Staël: "De l'Allemagne" e foi admitida pelo sentimento nacionalista daquela época. Ela é, porém, pouco conhecida no estrangeiro; todavia todo o mundo culto concordará que Goethe é um dos cinco expoentes da literatura ocidental (Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Goethe). Como se sabe, a expressão "Weltliteratur" foi formulada e difundida por êle, um dos últimos grandes espíritos que abrangeram a literatura de muitos povos ocidentais e

orientais. Uma curiosidade bibliográfica nos vem aqui à mente: "Werther" foi o primeiro livro europeu traduzido para o chinês e também o primeiro "bestseller" mundial.

Considerando a forte anglização da ciência universal, julgá-
mos interessante uma pesquisa que tratasse do problema: Por que a terminologia científica ocidental contém apenas um número relativamente baixo de termos originários da língua alemã? (que não corresponde de nenhuma maneira ao seu papel como língua informativa, uma das mais importantes). O âmbito restrito deste artigo nos permite tratar esta questão apenas marginalmente, não nos possibilitando a exposição cientificamente documentada. Parece, à primeira vista, ser a causa deste fato a estrutura altamente homogênea do vocabulário alemão (menos latinizado) em comparação com a do vocabulário inglês, que usa de preferência o material greco-latino na língua escrita em vez do de origem germânica, quando na língua falada até hoje usa os elementos saxônicos, fato de consequência puramente histórica: o saxão do século V (invasão dos Anglos na Britânia) era uma língua sem literatura, enquanto o latim, por rígido que fosse em comparação com o grego flexível, já tinha atravessado um apogeu literário no qual se formou um certo acervo de termos abstratos. Tomando os antigos saxões o latim como modelo de língua literária, o saxônico devia necessariamente restringir-se ao uso diário e concreto, enquanto o alemão, muito menos latinizado, devia e podia desenvolver um conjunto de expressões abstratas, aproveitando os próprios recursos.

Assim os termos técnicos ingleses, latinizados, se prestam melhor à difusão do que os termos alemães, que, originando-se do fundo germânico, obedecem, na composição, a leis de uma estrutura não linear, mas incorporante. Tal estrutura é mais difícil para a compreensão internacional, mas muitas vezes é mais expressiva do que a palavra de origem latina, já mais abstrata e por isso mais generalizada (Selbst-bewusst-sein, Welt-an-schauung). Esta aversão do alemão à heterogeneidade, ao contrário do inglês, é, até hoje uma tendência desta língua, como mostram numerosos termos técnicos universais, aos quais corresponde no alemão um "termo caseiro" (Rund-funk, Fern-sehen, Kraft-fahr-zeug). Assim a capacidade maravilhosa de forjar termos expressivos condena esta língua a um certo isolamento no campo da terminologia universal.

Apesar destas limitações, o alemão é uma língua de grande valor informativo, mas de limitado valor comunicativo. E do ponto de vista pedagógico-linguístico é um considerável meio formativo sobretudo para os que falam línguas não-germânicas. Para eles a aprendizagem desta língua abre uma janela importante para um mundo diferente, "um mundo de grandes virtudes e de grandes defeitos". De qualquer modo, fornece a compreensão de um padrão cultural contrastante, dando assim um instrumento diretivo à consciência da própria realidade e do próprio ser.

6) Papel real e potencial da língua alemã no Brasil

A influência do alemão sobre o mundo latino-americano era até hoje bastante limitada, devido em grande parte ao predomínio cultural do francês, no passado, e à preponderância econômica dos Estados Unidos no presente. Considerando o caso do Brasil pode-se constatar que a forte influência da cultura francesa dificultou bastante a visão objetiva com relação ao mundo germânico. Apesar desta "cortina francesa" existiram alguns poucos brasileiros que conseguiram olhar mais diretamente para a cultura alemã. Os mais conhecidos foram o filósofo sergipano Tobias Barreto e o historiador de literatura Silvio Romero. Foi Tobias o primeiro que tratou vigorosamente de dar um contrapêso à influência francesa, salientando quase desmesuradamente os valores da cultura germânica. Contudo, à luz da crítica, sua obra revela mais um filosofante, como diz Cruz Costa, e é pena que ele sofresse principalmente a influência das correntes da filosofia materialista alemã. A Tobias, convencido de que havia descoberto, na Alemanha, um modelo que o Brasil devia imitar, coube certamente a introdução de idéias filosóficas alemãs na história do pensamento brasileiro; assim, foi ele um dos primeiros — apesar de todo exagero — que dirigiu a atenção sobre o mundo espiritual alemão. O fato de não ter sabido aproveitar mais a verdadeira riqueza desta filosofia alemã como o fato — generalizando — de nenhum outro brasileiro ter sido influenciado mais profundamente por ela, representa um problema que já dava o que pensar a ilustres brasileiros, como Euclides da Cunha ("O brasileiro não se dá bem com a irritante algazarra das teorias") ou João Ribeiro ("nosso idealismo não se alonga muito longe da nossa terra").

Depois da filosofia, foi a literatura alemã que neste século teve alguma influência através de escritores e pensadores como Nietzsche, Rilke, Kafka, Mann, Zweig, Brecht, para citar apenas os mais famosos. A esta influência corresponde, nos últimos anos, um interesse crescente dos editores alemães por traduções dos grandes romancistas brasileiros (Nordestinos). Cumpre-nos não esquecer o grande e contínuo interesse pela música alemã em toda a América Latina (é no campo da música que o alemão parece desempenhar seu papel incontestável na cultura universal, fato de que a política cultural alemã tem bastante consciência).

Considerando a menor motivação e o pouco interesse que encontra uma língua antiga européia na América Latina, no futuro talvez colocar-se-á o problema da substituição do latim por uma língua moderna (outra que não o inglês ou o francês), p. ex. o alemão, — este "latim moderno" —, que satisfaz as necessidades de formação intelectual, como muitas necessidades informativas e que permite uma visão de um universo não-francês e não-anglo-saxão. Para não cair na suspeita de falar apenas pela "causa germânica", quero completar a minha opinião: apesar de todo o progresso da comunicação de idéias no mundo moderno (e a existência de cada povo dependerá no futuro

disso), seria uma grande ilusão crer que p. ex. os nossos diplomatas, jornalistas, cientistas, e muitos outros profissionais acadêmicos do ano 2.000 poderão continuar sabendo só inglês e francês. Embora o inglês no futuro possa ser um meio de comunicação universal, devemos ficar convencidos de que só com esta língua não poderemos abrir tôdas as portas do mundo, pois o globo de amanhã será muito menos ocidentocêntrico do que é ainda hoje.

A idéia de que seria possível construir-se um mundo moderno no campo técnico e científico através de uma língua não-ocidental, não se confirma só pela teoria linguística de Whorf mas, também pela realidade mesma. Veja-se o exemplo do Japão que é atualmente uma das maiores potências técnicas e econômicas destacando-se ao mesmo tempo na divulgação de livros, periódicos, jornais como um dos primeiros do mundo.

7) Dependência do método da motivação

Pelo que foi dito antes, pode-se ver que a motivação para a aprendizagem do alemão é diferente da do inglês. Em todo o caso devemos constatar que a língua alemã:

- A) não é uma língua comunicativa mundialmente difundida;
- B) é uma língua informativa das mais importantes;
- C) é uma língua de considerável valor formativo.

Além disso precisa-se considerar um fato que concerne à economia linguística: A grande maioria dos que aprendem o alemão conhecem o inglês. Isto parece ser, pelo perigo da interferência das duas línguas, prejudicial ao método ativo, mas vantajoso ao método passivo, pois o grande número dos paralelos lexicológicos ajuda a memória. Com relação ao método, resulta da motivação específica do alemão uma vez que, para os alunos que não têm o objetivo especial de aprender a falar esta língua, não podemos simplesmente aceitar o método direto como se pratica no ensino do inglês; pois a maioria dos que querem estudar mais de uma ou duas línguas (a primeira deveria ser sempre o inglês) têm grandes dificuldades de assimilá-las ao ponto de serem capazes de falá-las correntemente. Por isso fariam melhor estudando uma segunda ou terceira língua com o único objetivo de lê-la. Desta maneira muitas decepções poderiam ser evitadas. Aliás, a capacidade de ler uma língua é a única garantia para conservá-la num meio onde não há possibilidades de falá-la (o que acontece muitas vezes com o alemão). De resto, o domínio das estruturas mais frequentes da língua falada exige tantos exercícios práticos, que muitos já no meio do caminho perdem a paciência, enquanto a aquisição de conhecimentos passivos da estrutura gramatical exigiria menos energia — se tivéssemos um método cientificamente elaborado, que conduziria a um “reading knowledge”.

Em geral o professor gasta tanto tempo para a fixação ativa das formas (declinações) que não acha tempo para ensinar um vocabulário-chave que proporcionaria uma assimilação total da língua e que aproximaria o ponto da salvação: saber ler um jornal ou um livro fácil, embora com uso do dicionário (depois do primeiro livro, tudo é muito mais fácil). Resumindo, queríamos dizer que é um erro crer que mais de duas (para os mais talentosos, três) línguas podem-se aprender segundo o método ativo. Além disso, o método verdadeiramente ativo apenas se pode praticar sob condições extraordinárias, que quase só existem no país da língua estudada (intensive courses) ou em raros institutos, equipados com os meios técnicos mais modernos (laboratório linguístico) e com especialistas formados pela linguística moderna.